

D.O.

Leitura

Ano Um • Número Quatro • São Paulo, setembro de 1982



"Iremos juntos à Missa", ele prometeu,
e nessa mesma noite fugiu
sem dizer uma só palavra,
sem deixar nenhuma explicação. Atenas, sim, mas sozinho. Às vezes
pensava nela. E a Margarida? (Págs. 8/9).



‘Pedem-me um estudo sobre os malditos da literatura brasileira. O pedido a princípio me assustou. É o que nos acontece frequentemente com os temas propostos: a idéia de que o tema não existe porque afinal de contas... não foi tratado pelos outros. E chegamos facilmente ao equivoco embassador de que somos os iniciadores. Não há isto. Vai aqui pelo menos sugestão de antologia, que, se ainda não foi feita, não constitui nenhuma tarefa de Hércules levá-la a cabo.

Seja como for, a primeira descoberta (e trágica) que fiz é que o maldito afinal de contas... sou eu. Quem é bendito? Dentro deste contexto, é preciso frisar bem o conceito deste vocábulo que passa a figurar quase como um neologismo. Bendito é o acomodado às estruturas vigentes, sociais, políticas, econômicas, religiosas. Bendito é o ortodoxo. O maldito, portanto, é o heterodoxo, o herético. Onde a minha heresia? Sou um capítulo da própria história social brasileira. Explicarei.

O próprio autor do trabalho se inclui entre os malditos ante a restrita interpretação da época

O meu primeiro livro de 1935 (confesso adorar as coincidências históricas: é o ano da ‘Intentona’) chamava-se *Alkamar, a minha amante*. Alkamar, no caso tranquilamente nome de mulher, mas em árabe o termo é masculino, o que não deixou de suscitar certo tipo de sarcasmo, na época, entre os mais informados de etimologia. Que sentido tinha para um poeta um pouco mais que adolescente proclamar ruídosamente *urbi et orbe*, já na capa do livro, que tinha amante? (na verdade não tinha cousíssima nenhuma. Quando começaram a aparecer deixei de fazer a demagogia respectiva). Eram

MALDIÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA

O autor propõe uma nova teoria para o conceito de maldição na literatura brasileira. Malditos foram Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Lobato, não escapando Francisca Júlia, com a sua poesia hierática, todos eles contrapondo-se a certas normas vigentes na época. Almansur Haddad, que assina o presente trabalho, revela como a nuvem da maldição também o atingiu em seus primeiros tempos de escritor.

Jamil Almansur Haddad

poemas eróticos no sentido em que Bilac os fazia. Os psicanalistas diriam que vinham de uma realidade de frustração e a consequente supercompensação. Anote-se: até 1940, a palavra amante era proibida no teatro brasileiro e imagine-se o impacto que a coisa dava. E como foi considerado o livro? Imoral e pornográfico. Este era o clima que socialmente (na época andava pelo terceiro ano da Faculdade de Medicina) me envolveu. Rebaixado ao nível do contador de anedotas fesceninas. E a crítica achava muita graça no meu erotismo. Diga-se de passagem que naqueles tempos os jornais eram muito mais numerosos do que hoje e davam muito espaço a matérias literárias. Dediquei o livro a um professor de medicina meu (Raul Briquet) que ficou gravemente ofendido com a dedicatória. Eu trabalhava com ele e não houve jeito senão arrancar a página de homenagem. E a pergunta pungente: "Como o Senhor (ele era muito respeitoso) faz um livro destes quando vai ser médico de senhores?"

Estávamos em 1935. Tempos aprazíveis em que o governo era Armando Sales e o presidio chamava-se Maria Zélia. De modo que as cousas mais trágicas não aconteceram. Com Luis Martins, foi muito mais terrível. Ele morava no Rio e era oficial de gabinete de Agamenon Magalhães, então Ministro da Justiça, que teve que desempregá-lo, levando-o a fugir do Rio (o depoimento é dele próprio) porque tinha publicado um romance sobre a Lapa e falava de prostitutas. E na época (Estado Novo), havia uma identificação absoluta: Pornografia = Comunismo. E aí tínhamos o romancista recebendo ordens de Moscou. Eu, pelo que se vê, tinha atuado em época muito mais "democrática".

Por 1937, outro acontecimento desta casuística dolorosa: imoral e pornográfico o *Feijão e o Sonho*, de Orígenes Lessa.

Estamos nos aproximando de enclausurar o conceito, entre os possíveis, de

maldição literária: o maldito literário pode ser o maldito sexual. Oscar Wilde, Verlaine e Rimbaud. O primeiro, nos primórdios do século, chegou a suscitar moda bastante suspeita: o amor ao cabelo com risca ao meio, por si só, dado o contexto, maliciável. Um estudo iconográfico seria altamente revelador a este propósito. Verlaine e Rimbaud duplicavam homossexualismo e alcoolismo. Foram, além do mais, autores de produção realmente fescenina, que teve o destino das publicações póstumas, já em épocas de justiça um pouco mais complacente.

Francisca Júlia "censurada" a fim de evitar a temática do sexo. Com Gilka a revolução

Já que estamos no terreno do sexo, a grande maldição podia residir simplesmente na condição de mulher. Na nossa tradição social, ser poetisa era, a certa hora, alguma coisa de parecido com ser artista de teatro ou mais explicitamente uma equiparação à atividade da prostituta. Mulher pode fazer poesia mas olha lá... sem amor. Não se permitia o erotismo. O caso de Francisca Júlia — muito importante na história da poesia brasileira (parnasiana) — tem laivos de tragédia. Legou dois livros com títulos bem ao gosto de sua estética. *Esfinges e Mármores*. Tive a idéia de cotejar os dois volumes: são iguais, com a diferença de que um deles tinha abolido por completo a temática amorosa (de resto, o que há foi "censurado"). Seria para os nossos dias a coisa mais suavemente ingênua que se pode imaginar. A autocensura no caso teve intensidade dramática.

E Gilka Machado? Gilka é realmente a hora da Revolução. Fazia, pelas alturas de 1920, uma poesia violentamente sexual (como nem

mesmo homem se atrevera a fazer). Pagou preço muito caro. Não foi oficial de gabinete de nenhum ministro. Só podia redigir os seus poemas em papel de embrulhar pão. Gilka abriu as comportas da liberação sexual da mulher brasileira. Morreu há pouco. Parece que salva do inerte silêncio: suas obras conseguem boa reedição oficial e (aqui não temos muita certeza) parece que a Academia Brasileira (um pouco tardiamente) concedeu-lhe prêmio respeitável. É claro que as "malditas" não podem ser acadêmicas.

Sexo à parte, a maldição em país subdesenvolvido pode chamar-se simplesmente... desemprego. Estudo a fazer é do clássico relacionamento do escritor com a função pública no Brasil. Casos dramáticos: Aluísio Azevedo, quando conseguiu nomeação para Consul, não mais escreveu uma linha sequer.

O racismo de Rio Branco incide sobre Euclides, mestiço e feio. A maldição chega também a Lobato

Outro caso. O Barão do Rio Branco cuidava de subir o nível intelectual dos nossos diplomatas mas, filho de francesa, agia como autêntico racista. Escolhia muito os auxiliares com base em critérios de brancura e eugenia. O aproveitamento modesto, em planos de Itamarati, de Euclides da Cunha deve-se a isto: Euclides era mestiço e feio. Até que ponto estes traços disgenéticos não "amaldiçoavam"? Feiura que por vezes suscitava a aparição de personagens da literatura de certos autores. Criava-se nas pessoas um racismo ao contrário, ou em termos nossos um antirracismo. Falemos de Monteiro Lobato. Pude constatar pessoalmente o quanto lhe amargurava a condição de brasileiro. E de mestiço. E

de feio. Por isto inventou o Jeca Tatu, muito mais hediondo do que realmente pode ser o caboclo brasileiro. Personagem desgraciosa através da qual o escritor como que transferia para a nação inteira desprimentos que inconscientemente deveriam ter sido dele próprio. E quem ecoou pela nação inteira o mito cacogênico, a glorificação do Jeca Tatu foi outro feioso: Rui Barbosa. Onde se imagina chegar é que escritor bonito não inventaria personagem assim. Mário de Andrade criando o Macunaima pode ser enquadrado em tipo igual de raciocínio.

Voltando ao emprego público, Raimundo Correia, quando foi nomeado juiz no Estado do Rio, desmentia categoricamente, perante os mais bem "informados", que tivesse perpetrado sonetos que se chamavam *Mal Secreto* ou as *Pombas*. A celebridade literária adquirida o molestava profundamente. Atitude de quem se considerava maldito. Voltando a Rui: ele tem uma página inteira, defendendo-se da acusação de escritor. Joaquim Nabuco é outro.

Maldição na Academia fechando as portas aos boêmios. Uma reação insólita

Saía-se da "maldição", trabalhando... Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto trabalhavam como muros e a atividade ia desde o poema ao romance elaborado, à quadra de interesse publicitário. A Academia Brasileira (fundada por Machado de Assis) no seu recrutamento inicial obedecia muito a estranho critério: boêmio não entra. Mas, um deles quis entrar: e conseguiu por um argumento de muito peso: o temor de sua bile satírica.

A verdade mesmo é a Academia: chegava-se a descrever o tipo do academi-

mizável: pessoa discreta, socialmente agradável, avessa à publicidade. Hoje este último requisito vem se tornando anódino, pois com a mudança dos tempos, escritor vem deixando de ser notícia. São contingências, entre outras cousas, de ordem industrial, não entrando mais em jogo a dosagem do narcisismo de cada um. A instituição tinha que acabar tendo inimigos mais ou menos acérrimos e mais ou menos sinceros. Antiacadêmico típico foi Agripino Grieco. Ficaram célebres as suas conferências pelo país em companhia de Salomão Jorge, que acabaram por suscitar anedotário copioso. Corra-vam-nas um sucesso total. O seu andamento caustico afagava evidentemente os instintos de uma população de sádicos ou frustrados. Tendia a "burrificar" as condições de acadêmico. E vinham nomes que a verrina não poupava, ou melhor: Ataúlfo de Paiva, Laudelino Freire...

Examinemos agora o episódio *A Bagaceira* de José Américo de Almeida. O livro, pelas alturas de 1928, saía lançado com extraordinário êxito. Agripino, como fazia de hábito, entende de destoar do aplauso unânime. Fez artigo massacrando o romance célebre. Mas pagou a língua. Pouco depois vem a revolução de 30 e José Américo desce da Paraíba feito Ministro da Viação do Governo Revolucionário. E neste ministério Agripino era funcionário. Entrou em relativo pânico. Temeu a ira vindicativa do patrão novo e imprevisível. Mas tudo acabou se conciliando. Fez novo artigo para dizer que José Américo de Almeida era gênio. Donde o La Fontaine indígena pode ter sacado moral nova: com o poder não se briga. A maldição tem o seu avesso.

Jamil Almansur Haddad, escritor, poeta, professor universitário, médico. Autor de *Oração Negra* e *Revisão de Castro Alves*, *Flores do Mal* (introdução e tradução).

Jayme Cortez, desenhista, pintor e ilustrador. Autor da coleção "Curso Prático de Desenho", em 5.ª edição.

VIAGEM PELO FANTÁSTICO MUNDO DOS FÓSSEIS

Intrigante aventura entre dinossauros, continentes perdidos, cientistas atrás de elos de uma história que nos é contada por animais e plantas petrificadas. Como era o mundo, aqui onde hoje é São Paulo, segundo as informações do geólogo Sérgio Mezzalira, estudioso de fósseis, há trinta e quatro anos.

Marcos Faerman

Enigmas de uma história perdida; peças de um quebra-cabeça fantástico; muito tempo antes de o homem surgir, viveram eles, animais e plantas cujos vestígios se conservaram nas rochas.

Estudiosos como o geólogo e paleontólogo Sérgio Mezzalira tentam contar uma outra história — a dos fósseis, em São Paulo. E pelos fósseis se descobrem nexos que nos permitem conhecer e interpretar não só a vida, como o ambiente de tempos remotos.

Estamos num reino em que a unidade é de milhões de anos, e tudo cai no abismo do tempo infinito. Vejamos: na casa do geólogo Mezzalira, ele me apresenta uma estranha e luminosa peça de madeira petrificada.

Sabem quantos anos ela tem? **Duzentos e cinquenta milhões!**

Uma cifra que faz arregalar os olhos.

Duzentos e cinquenta milhões de anos?

Tal espanto nasce porque não sabíamos da existência dos **estromalitos** — estruturas calcárias, de formas diversas; originaram-se da atividade de algas azuis... e surgiram... há 2,5 bilhões de anos.

São as primeiras formas de vida em São Paulo, preservadas em formações calcárias da região de Itapeva. Mas, aí, vem uma coisa realmente espantosa. Os estromalitos são do chamado período Pré-Cambriano — na linguagem dos cientistas. Acontece que, em São Paulo, a documentação paleontológica não é abundante.

Falta o registro completo da vida, ao longo dos chamados períodos geológicos. ("Isso — diz Mezzalira — pode acontecer em qualquer região, devido a processos erosivos que destruíram as camadas de fósseis, ou às condições adversas, por ocasião da fossilização dos animais e vegetais.")

Seja lá como for, em São Paulo há um salto. Pula-se dos terrenos Pré-Cambrianos para os do Carbonífero, da Era Paleozóica. Transpõem-se, assim, mais de dois bilhões de anos. E chega-se a certas manifestações da vida (como as folhas de **Glossopteris** e **Gangamopteris**). As florestas desses vegetais eram próximas de lagos e perdiam as suas folhas, que se fossilizavam em meio a detritos finos e iam se acu-

mulando no fundo de lagos de águas tranquilas. Com o decorrer do tempo, ali estavam camadas de carvão e pedra.

A predominância desses fósseis está na região de Cerquilhos — mas também os encontramos em Monte Mor e Buri, por exemplo. Há um ponto bem curioso ligado à presença dessa flora glossopteris. Um estudo chamado A. Wegener encontrou esta flora na América do Sul e na África. Descobriu outros pontos comuns nos dois continentes, como a glaciação. Por aí, passou a formular uma hipótese fascinante: a América do Sul não esteve ligada à África? Não formariam uma única massa terrestre? O sábio Sr. Wegener deu até um nome a este continente possível: **Pangeia**.

Formando um cenário fantástico e aterrador, gigantescos monstros pré-históricos como este (**Titanossauro**) existiram na região oeste de São Paulo, há 80 milhões de anos. Possuíam de 15 a 20 metros de comprimento e o seu rugido apavorava os animais menores. A prova de sua existência são as ossadas encontradas recentemente em Pacaembu Paulista e Álvares Machado, Estado de São Paulo. Como desapareceram? É um enigma, explica Sérgio Mezzalira. A esse respeito, há dezenas de teorias, mas todas omissas, sem fatos confirmatórios.



E como nos diz Sérgio Mezzalira: "o leitor já teve oportunidade de examinar num atlas geográfico a coincidência entre o perfil oriental da América do Sul e o ocidental da África?"

África e América do Sul, dois continentes unidos, fazem sonhar. E o Paraná que já foi mar e por isso lá são encontrados fósseis que inexistem em São Paulo

Esta história é fantástica — como muitas outras questões da Ciência. A Ciência é assim: parece fria se ficamos só olhando um monte de papéis. E se não sabemos olhar os papéis. Questões como a destes continentes distantes; África e América do Sul unidos nos fazem sonhar. E o que dizer de um antigo mar que existiu no Paraná e ajudou a preservar fósseis que inexistem em São Paulo?

E você já pensou em como é difícil ir arrancando e revelando todos os mistérios dos fósseis? A primeira vez que Mezzalira apresentou uma tentativa de distribuição dos fósseis em São Paulo foi em 1948; era bem moço, recém-formado em geologia, num tempo em que eram tão poucos os geólogos. Trinta e quatro anos depois, eu o encontro em sua casa, no bairro de Santana (antigamente por ali passavam os bondes, hoje é o metrô) — e adivinhem o que ele está fazendo? Mais uma vez trata de escrever uma atualização de sua obra sobre os fósseis em São Paulo. Isto é pura paixão.

Mas sigamos nossa conversa. Você sabia que é muito comum se descobrir em São Paulo vestígios de glaciação? O mais lindo são as rochas estriadas da região de Salto, que revelam a passagem do gelo. Pena que uns cabeças-duras as estejam destruindo, só para enfeitar suas casas! E o que você diria da notícia de que o mar estava a 120 quilômetros da capital? Pois já esteve, nas regiões de Capivari e Itaporanga, em tempo remotíssimo, intercalando as fases glaciais. Mas quando um paleontólogo ouve falar em "madeira que virou pedra", ele sabe que deve ter à sua frente sinais do período Permiano, coisa de 280 milhões de anos atrás — e materiais comuns na região de Rio Claro, Piracicaba, Pongabá, Guareí, Conchas... Neste tempo, as lagoas estavam repletas de répteis que ficavam entre os animais terrestres e os aquáticos. Tinham mais ou menos um metro. E tudo indica que eram bem desajeitados no solo. Muito comum também são certas formas vegetais daqueles tempos

que chegaram até nós com um jeito bem próprio. Tão próprio que, quando um paleontólogo está lá pela região de Rio Claro, por exemplo, ele pode falar com um caboclo e perguntar se ele não viu uns sabugos de milho que viraram pedra? É tiro e queda. O caboclo entende.

No mundo de 280 milhões de anos atrás, o ambiente era fluviolagunar, ou marinho, segundo outros autores. Mas o ambiente muda um bocadinho no outro período; espécies desaparecem, espécies surgem.

Descobriram pegadas de monstros bem nas calçadas de Araraquara. Suas pedras provinham das pedreiras da região.

Quem se adapta às novas condições de vida vai em frente, claro. E a Era Mesozóica parece um inferno, com seu deserto climático e quente. Os lagos se formam por chuvas torrenciais. Na região de São Carlos e Serana ficaram as pistas gigantescas dos cinodontes e alguns crustáceos. Um cientista, Giuseppe Leonardi, nem acreditou quando descobriu pegadas do cinodonte em lajes de arenito silicificado... nas calçadas de Araraquara! As pedras tinham vindo de uma pedreira próxima, onde habitavam esses seres pré-históricos.

Mas nem tem graça dar estas voltas pelo mundo dos fósseis e não falar em dinossauros. Até nas revistas em quadrinho — como nos episódios malucos do Brucutu — eles são muito populares. E o que dizer dos filmes? O diabo — como diz Sérgio Mezzalira — é que o homem apareceu bem depois dos dinossauros. Como é, então, que botam homens ao lado de dinossauros?

Os dinossauros vagavam por um mundo de pântanos dominado por sol tropical. Há uns tempos atrás, só os roteiristas dos filmes de TV ou os desenhistas dos gibis poderiam imaginar uma expedição científica pela África, em busca de dinossauros. Mas depois que, em 1938, pescaram o celacanto na costa oriental da África, ficou parecendo que tudo ainda é possível. O celacanto tinha desaparecido há setenta milhões de anos — era o que se supunha. O celacanto foi descoberto! Então, em 1980, vemos que uns americanos, chefiados pelo cientista Roy Mackal, saem pela África atrás de uns nativos que sabiam de monstros enormes, mergulhados nas selvas densas, cujas descrições coincidem com as dos seres pré-históricos.

Por enquanto, é o que se



A ilustração fixa o ser humano, numa época em que já sofrera ativo processo de evolução, o que se nota pela conformação dos ossos da face (não tão pronunciada como na dos símios), pela posição erecta da espinha e pelo uso das mãos. É bem remota a sua ligação com os primeiros homens, cujo aparecimento data de um milhão de anos — quase nada ante o fóssil de um mesossaurio, réptil que viveu em território paulista (região de Rio Claro), faz 250 milhões de anos.

sabe. A expedição do cientista de Chicago gera inquietações. Homens como o professor Mezzalira ficam inquietos, por todo o mundo. E se o dinossauro for encontrado? Ai, tanta coisa da Ciência terá de ser pensada de novo. Mas a Ciência não é exatamente esta dúvida permanente? As pistas, sinais e referências a estes mundos que deram lugar ao nosso mundo você pode descobrir em livros ou museus como o que se encontra no Instituto Geológico (do qual Sérgio Mezzalira foi diretor) que reúne fósseis com centenas de milhões de anos. Neste museu, na Secretaria de Agricultura e Abastecimento, na Água Funda, estão as pegadas de cinodonte e também de fósseis de peixes de setenta milhões de anos, ou pedras e fragmentos de rochas, clas-

sificados em relação às mais antigas épocas da formação da Terra, ao lado de animais pré-históricos.

É uma esplêndida aventura olhar estas ilustrações, ler estas histórias — que encantavam até um escritor de romances como Érico Veríssimo, ele mesmo inventor de histórias. E o melhor é que podemos viver tudo isto sem nos arriscarmos como heróis dos quadrinhos que cruzaram os espaços e as eras nas Máquinas do Tempo, entre tantos perigos.

Sérgio Mezzalira, geólogo e paleontólogo. Doutor em Ciências Geológicas pela USP. Ex-diretor geral do Instituto Geológico. Membro da Academia Brasileira de Ciência.

Marcos Foisman, escritor e jornalista. Autor dos livros *Violência e Repressão* e *Com as Mãos Sujas de Sangue*.

O EXPRESSIONISMO

UMA TENDÊNCIA PERENE NA PINTURA

Este artigo, segundo da série "Introdução à Arte Moderna", trata especificamente do EXPRESSIONISMO, uma tendência germânica de pintar, que acabou fazendo escola no restante do mundo. O Expressionismo é também considerado — pela crítica de arte mundial — como um movimento que costuma retornar. É, aliás, exatamente o que ocorre nesse momento na "Documenta", exposição cíclica, atualmente realizada de cinco em cinco anos, em Kassel, Alemanha, exibindo um Expressionismo agressivo e contundente.

Alberto Beuttenmüller

Em artigo anterior, falamos do Impressionismo, uma tendência da pintura da segunda metade do século XIX, que não chegou a formar uma escola ou movimento, justamente porque seus adeptos jamais aplicaram a mesma maneira de pintar, o que criaria um sistema ou cânone impressionista. Ao contrário, Impressionismo era libertação, espontaneidade, liberdade

de captar o efêmero, o fugaz, o fluidico, tudo em movimento — o céu, o ar, a terra, o mar. A liberdade de captação das impressões. Por isso mesmo, seus cultores deixaram os estúdios, onde copiavam seus nus ou naturezas-mortas, e foram pintar a "plein air", fugindo do atelier em busca da luz. Os impressionistas se agruparam em torno de

Edouard Manet, notadamente os mais jovens, época em que não eram ainda rotulados de "impressionistas", quando em 1865 a tela "Olympia", executada em 1863 por Manet, foi recusada no "Salon", qualificada de obscena. Na realidade, o termo "impressionismo" nasceu de outra tela, esta de autoria de Claude Monet: "Impression, soleil levant", que trazia já em seu título a palavra que rotularia aquele grupo preocupado em produzir luminosidades.

Neste artigo daremos ênfase ao Expressionismo, uma tendência considerada permanente na História da Arte, uma vez que vai e volta, notadamente em épocas de crises íntimas da humanidade, sejam de cunho religioso, social, econômico-financeiro ou mesmo político. O termo — Expressionismo — foi criado pela estética germânica, com o intuito de evidenciar a dualidade classicismo/romantismo e outra, mais essencial, a oposição latinidade/germanicismo. A atual "Documenta" de Kassel, Alemanha, uma exposição que vem se realizando de cinco em cinco anos, coloca novamente o Expressionismo em destaque. Este recobrir aliás o foi com uma violência de cores e texturas jamais vistas na pintura ocidental, deformando a imagem humana às últimas consequências, agredindo-a e pervertendo-a. Saberemos adiante por que o Expressionismo, manifestação dos povos eslavos, nórdicos e germânicos, sempre favoreceu as diferenças individuais, o nacionalismo, as particularidades étnicas e raciais, além de refletir um profundo problema social, servindo, pois, às propostas de artistas do Terceiro Mundo, como já ocorreu no Brasil, via Lasar Segall, neste ano homenageado pelos 25 anos de sua morte, e

no México, com os muralistas Orozco, Rivera e Siqueiros.

Expressionismo: duas escolas. Duas formas de ver e pintar

O Expressionismo teve dois centros: um na cidade de Dresden, que se denominou de "Die Brücke" ("A Ponte"); e o outro "Der Blaue Reiter" ("O Cavaleiro Azul"), título de um quadro de Vassily Kandinski, líder espiritual deste último grupo, com sede em Munique. Os partidários de "A Ponte" tiveram como fundador Ludwig Kirchner, um estudante de arquitetura, influenciado pelo neo-impressionismo, pela arte africana e pela gravura oriental, ou seja, sofrendo influência por todos os modernismos da época, a segunda metade do século XIX. "A Ponte" iniciou suas atividades em 1905, e o grupo dissolveu-se por volta de 1913. "O Cavaleiro Azul" foi formado em 1911-12. Nos dois grupos, uma subjetividade doentia. Atormentados por problemas religiosos, sexuais, políticos, sociais e morais, tinham as duas correntes um ponto comum: a metafísica. Para os de "Die Brücke", porém, o problema social constituía ponto de honra, todos empregando sempre uma arte figurativa, deformando a imagem para poderem ressaltar a angústia, a miséria, o sofrimento de suas personagens. "O Cavaleiro Azul" se opunha a uma imagem exterior e era contra todo e qualquer academicismo. Tinha como preceito a fé na "necessidade interior" (Kandinski), o que acabou desaguando na

arte abstrata. Assim, em termos práticos, os dois pólos do Expressionismo se opunham justamente na formulação de sua proposta: "Die Brücke" ("A Ponte") se propunha à denúncia social, ao humanismo, à defesa de minorias raciais, sempre utilizando-se, para isso, da figura humana. "Der Blaue Reiter" ("O Cavaleiro Azul"), ao contrário, não se volta para o exterior do ser ou da natureza, mas sim para o interior do homem, em busca de expressões do íntimo e não de formas, daí receber a denominação de informalismo.

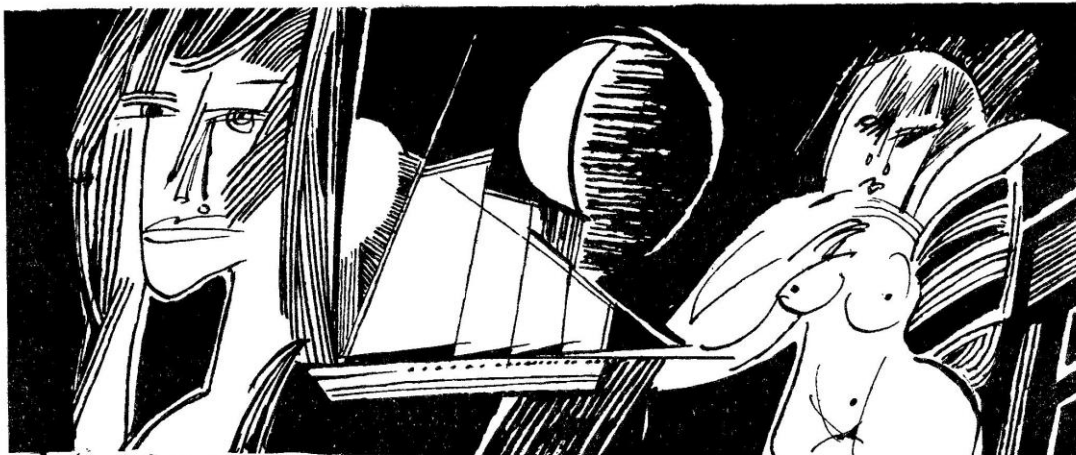
O teórico alemão Wilhelm Worringer, analisando a alma germânica, conseguiu captar duas vertentes, exatamente os dois pólos divisores do Expressionismo: "A realidade que o homem gótico não poderá transformar em naturalidade, por meio de um conhecimento lúcido e perspicaz, foi sobrepujada por esse jogo intensificado de fantasia convertida numa realidade **espectralmente exagerada e distorcida**", análise esta que serve aos artistas figurativos de "A Ponte"; e ainda: "Comum a todos é o impulso irrefreável de atividade, o qual, **não estando vinculado a nenhum objeto, perde-se, por consequência, na infinidade**", o que se encaixa perfeitamente numa espécie de alienação da realidade, característica da arte abstrata.

Um precursor do modernismo brasileiro: Lasar Segall

Nascido em 1891, na Lituânia (sua cidade natal foi Vilna), hoje pertencente à



Lasar Segall, que influenciou várias gerações de pintores brasileiros, foge ao Expressionismo alemão e volta-se para motivos essencialmente nossos. Tela: Mãe Preta (1929)



Hodder, 82

URSS, Lasar Segall foi um dos precursores do modernismo entre nós. Suas primeiras exposições, em 1913, na Rua São Bento, 85, quando São Paulo não passava de uma grande província, e nesse mesmo ano em Campinas, pouco repercutiram. O marco histórico, porém, ficou e foi reativado, quando em 1924 Segall resolveu fixar-se no Brasil, em definitivo, modificando inclusive seu Expressionismo de cores esmaecidas para uma expressão mais tropical, pelo emprego de cores fortes, uma tendência já percebida em sua "Série Mangue". Este o tradicional bairro de boêmios, artistas e marginais do Rio de Janeiro, onde o pincel de Segall fixou um Expressionismo de carne humana inextinguível e crua, o clima do "bas fond" brasileiro, tema que foge àquela coisa doentia e espectral do movimento alemão e começa a ganhar aspectos mais humanos. Pintor, ceramista, escultor, gravador e desenhista, Lasar Segall influenciou muitas gerações de brasileiros, inclusive alguns pintores importantes, que o país vem esquecendo, como Yolanda Mohalyi, que anos mais tarde designaria justamente no Abstracionismo, tornando-se uma das maiores artistas dessa escola entre nós. Lasar Segall está sendo homenageado em seu próprio museu, pelos 25 anos de sua morte, ocorrida quando fora convidado pelos grandes centros — Paris, Tel-Aviv, Munique, Londres, entre outros — para realizar um retrospecto de sua carreira. O que nos parece curioso é a mudança sofrida na obra de Segall, cuja cor se abrandou nos trópicos, trazendo inclusive uma nova contribuição ao seu Expressionismo, fato percebido pelos próprios alemães, quando Lasar lá esteve, após sua permanência entre nós.

Mesmo Anita Malfatti, uma brasileira que se seduziu pelo Expressionismo germânico, não conseguiu dar uma participação de cunho nacional à iconografia expressionista.

Fernando Pessoa:
"A Arte é uma forma de dominar os outros"

Se aceitarmos a frase de Pessoa, veremos que o poeta português tinha realmente uma grande lucidez. O Impressionismo francês foi, sem dúvida, uma forma com que a França tentara dominar o espaço cultural europeu. E o Expressionismo alemão tornou-se uma reação dos germânicos, eslavos e nórdicos a essa tentativa de poder. A própria proposta do Impressionismo de sair para o campo, em busca do "plein air", ao mesmo tempo em que o pincel retrata o fugaz, o efêmero, meras impressões de um instante, demonstra ser um projeto de cunho francês, notadamente na procura pelo detalhe, sem aprofundar-se, eliminando o tema e substituindo-o pelo motivo.

Ao contrário, o Expressionismo buscava a interiorização na arte, uma procura às profundezas do ser, trazendo-nos, inclusive, o exagero dessas verdades; daí as deformações das imagens, o ar espectral das personagens, as suas expressões. São, sem dúvida, traços germânicos. Entre ambos houve uma luta latente, subliminar, que poucos perceberam. Essa luta pelo espaço cultural da Europa pode ser percebida pelas sedes dos movimentos artísticos: Impressionismo, neo-impressionismo, simbolis-

mo, fauvismo e surrealismo, em Paris. Expressionismo, Bauhaus, na Alemanha, em diversas cidades. Suprematismo, construtivismo, não-objetivismo, Moscou. Futurismo e pintura metafísica, Milão. Neoplasticismo, Amsterdam. Terminando essa estrutura da arte moderna com o movimento do Expressionismo Abstrato, em 1950, Nova Iorque, e o Tachismo, 1959, Paris, iniciando assim uma luta entre estas duas capitais pelo espaço cultural do mundo.

Impressionismo (1874 — Paris) — Termo tirado da tela de Claude Monet — "Impression, soleil levant". Não foi uma escola, nem um movimento, mas um grupo de artistas reunidos pela busca da liberdade de captar, sem regras fixas, as impressões de um instante fugaz e efêmero. Os pintores eram simples produtores de luzes.

Neo-impressionismo (1886 — Paris) — Também chamado de **Pontilhismo** e **Divisionismo** — Uma reação ao Impressionismo que, aos poucos, se tornou uma arte para a mera informação de um instante, um "flash". O **Pontilhismo** aproveitou-se das pesquisas de Chevreul sobre a fisiologia da visão e os efeitos ópticos. Os dois principais artistas do **Divisionismo** são: Seurat e Signac, o primeiro considerado um gênio, que morreu muito cedo. Tais pintores usavam em seus quadros apenas os pigmentos puros, as cores do prisma em todos os tons, separando os diversos elementos da obra, como cor local e cor de iluminação, entre outros, além de equilibrar os elementos com suas proporções, seguindo as leis da irradiação e da gradação da luz.

Simbolismo (1886 — Paris) — Grupo de pintores que sacrificava tudo à cor pura, eliminava a perspecti-

va, suprimindo a linha do horizonte. Queriam seguir o exemplo das civilizações egípcias, micênicas. Os artistas representativos são: Gauguin, Denis, Klint, Puvion, Chavannes, Liebermann, Redon, Hodder.

Art-Nouveau (1900 — Europa) — Movimento de cunho romântico, individualista, neobarroco, um modismo de fim de século e início de uma nova era. Uma tendência decorativa, caracterizada pelo valor ornamental de uma linha de origem floral ou geométrica, determinando formas tridimensionais sinuosas e assimétricas. Artistas: Gaudi, Van de Velde, Mackintosh, Guimard, Horta.

Fauvismo ou Fovismo (1905 — Paris) — Um culto à cor pura, ao primitivo; daí seu nome "fauve" (selvagem). O grande artista é Matisse. Os demais são Derain, Vlaminck, Dufy.

Cubismo (1907-1914 — Paris) — É um movimento que introduz o tempo na pintura, cristalizando os objetos, destruindo-os, não mais copiando a natureza, mas sim partindo de certos conceitos, de certos emblemas, a partir do que Cézanne encarou da natureza, reduzindo-a ao cone, à esfera e ao cilindro, as formas essenciais. O Cubismo teve três fases: o cezanneano, o analítico e o sintético. Seus artistas principais: Picasso,

Braque, Gris, além do grande Paul Cézanne, que, apesar de ter vivido no Impressionismo, foi o precursor histórico do Cubismo, as duas tendências artísticas que tiveram na destruição da figura seu ponto comum.

Futurismo (1910 — Milão) — É a exaltação da vida moderna. O poeta Marinetti chamava a atenção para a beleza da velocidade, afirmando inclusive que um automóvel de corrida era mais belo que a Vitória de Samotrácia. O pintor Carlo Carrá, em manifesto, dizia: "Rechaçamos todas as cores apagadas", terminando por desconsiderar também as formas estáticas, o cubo e a pirâmide, além do ângulo reto. Artistas: Carrá, Boccioni, Balla.

Pintura Metafísica — Reação ao futurismo e ao dinamismo propugnado por este movimento. A metafísica retoma o silêncio, descobrindo o mistério do imprevisto. Os artistas principais são: De Chirico, Carrá e Morandi. Este último, vindo do Cubismo, acaba colocando a pintura metafísica no caminho do construtivo.

Alberto Buttenmüller. Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte e da ABCA e AP-CA. Poeta e jornalista.



A ESPERA

Apesar da ansiosa expectativa a que Margarida se abandona, durante dez anos, Nikos é a figura central do conto. Personalidade indefinida e vaga, com o seu ressurgimento estabelece uma atmosfera de magia e de mistério, marcada por lances de rara beleza e poesia.

Conto de *Lygia Fagundes Telles*

Dez anos tinham se passado e ele ainda se lembrava do quarto nos seus menores detalhes: a gravura de El Greco ao lado da cama de ferro dourado, não podia haver uma Anunciação mais bela com as duas mulheres no portal dentro da noite, os mantos noturnos e apenas aquele gesto da mão da visitante pousada no ombro da outra, avisando o aviso sem palavras e sem feições. Na prateleira da estante, a pequena estatuetta que lhe dera, abertas as asas de mármore prontas para voar, um pouco mais de vento e elas romperiam a cortina da janela, adeus, adeus! "Comprei em Atenas", ele dissera e ela riu, "parece que tem um coração palpitando aqui dentro!" Ele ficou sério: conhecia bem aquele coração inquieto, ansioso, tanta vontade de aventura, de imprevisto, Atenas? Ah, sim, era tão luminosa, um dia iriam juntos fazer essa viagem, ô! Grécia. Austera e ao mesmo tempo risosa. Um dia andariam por aquelas terras e ouviriam a canção que fala do mais ardente amor, hein, Margarida? Ela teve então o pressentimento de que seria aquele o último Natal assim juntos, a ceia posta na pequenina mesa: a garrafa de vinho com o ingênuo laçarote verde no gargalo, as rosas vermelhas e a música no toca-discos; dançaram tão fortemente enlaçados, beijaram-se com tamanho fervor, as bocas se buscando desesperadas. "Iremos juntos à Missa", ele promoveu e nessa mesma noite fugiu sem dizer uma só palavra, sem deixar nenhuma explicação. Atenas, sim, mas sozinho. Depois, Creta. O demen-

tado coração sem sossego, a vida de asas plenas, mal pousava e já começava a inquietação, felicidade é movimento? Mas por acaso era feliz nessa busca sem um alvo nítido?

O pão e o vinho nas companhias mais imprevisíveis, o entusiasmo da novidade. Da variedade. Satisfeita a curiosidade, sentia-se oco. Perplexo com uma certa ponta de impaciência, aguçava a vontade de se ver livre, aonde agora? As vezes, pensava nela, e a Margarida? Também pensava em Deus, onde Deus? Voltava aos caminhos da infância, "sou um arco em tuas mãos, Senhor. Distenda-o para que não apodreça".

Dez anos. E agora ali estava novamente, as mãos trêmulas, sem coragem de subir aquelas escadas e abrir a porta, Margarida! O remorso por tê-la deixado sem uma carta, sem nada, podia ter dito, "eu te amo mas sou instável, não quero me enraizar, um grego meio louco, não está vendo? Já me enganei tantas vezes, pensava que era um amor definitivo, para sempre. Não era. No fundo de cada aventura, só vaidade. Ou o horror da solidão".

Após 10 anos, Nikos estava parado diante da casa, que também o interrogava. Até o céu era igual ao daquela noite antiga com suas vagas estrelas por entre as nuvens



— Nikos! Eu sabia que era você, eu sabia que era você!...
Beijaram-se com fúria. Depois, o gozo foi-se diluindo num silêncio úmido. Murmurejante. Ele estendeu a mão até a capa atirada na poltrona e procurou o lenço no bolso.

— Trouxe este presente da minha cidade...

— Agrinion.

— Ah, você se lembra — ele disse. Olhou em redor: — Dez anos. E tudo está igual, a mesa, o vinho... A toalha, não é a mesma toalha?

— Nikos, Nikos, eu estava te esperando, ouvi o degrau ranger e pensei, é o Nikos que voltou para mim, eu sabia! Nikos, meu amor, vamos recomeçar onde paramos...

— Margarida, espera, eu não vou ficar.

— Faz de conta que você voltou na hora combinada, não foram dez anos mas dez minutos, ainda é aquela noite e você veio me buscar para a Missa, daqui a pouco tem a Missa — ela disse enxugando rapidamente as lágrimas, a face brilhante de alegria: — É fácil enrolar o fio do tempo!

Ele beijou-lhe o ombro. O seio.

— Eu não vou ficar, Margarida, está me ouvindo? Não vou ficar.

— Todos esses anos tenho ido à Missa sozinha depois de esperar até o último instante, e se ele vier? Nem quis me mudar com medo de nos perdermos um do outro, como é que você ia me achar? Durante o ano, minha vida era normal, trabalhava, saía com amigos... E o Nikos? Eu lembrava mas sem sofrimento. Até que chegava o Natal e então começava a romper compromissos, laços, afastava algum namorado, tinha que ficar só, precisava ficar completamente livre, e se ele vier?

— Margarida, escuta, eu queria dizer que não posso...

— Não diga nada, Nikos, você não precisa dizer nada, agora está tudo bem. Está tudo bem. Te amo assim, sem explicações, não precisa me dizer nada, prometo não perguntar nada!

Ele acendeu um cigarro. Ela abriu o vinho. Beberam no mesmo copo. Ele olhou o relógio e levantou-se. Por um momento teve o olhar na estatueta alada.

— O navio atracou hoje cedo, vim rapidamente para te dizer ao menos uma palavra...

— Rapidamente? Você disse rapidamente?

— Margarida, meu amor, fica complicado demais explicar mas entenda isto, tenho que ir. Não, não é outra mulher, não tenho ninguém, eu diria, não é mesmo?

Ela tomou-lhe as mãos, beijou-as.

— Nikos, escuta, fica ao menos esta noite, prometo não insistir depois mas fica comigo só esta noite!

Vejo agora que não devia ter vindo — ele disse e olhou demoradamente o relógio. Cobriu-o com o punho da camisa. — Tenho vinte minutos. Guarde isto, Margarida, haja o que houver, esteja onde estiver, guarde isto, eu te amo. Eu te amo.

— Espere dez anos.

— Eu sei. Mas tenho que ir, me perdoa mas tenho que ir.

— Nikos, Nikos! — ela suplicou. Dobrou devagar o corpo e tombou de joelhos. — Fica comigo, Nikos!

Quando ouviu o atribulado ruído dos passos na escada, tapou a boca para abafar os soluços, "fica comigo!..." Os sons dos sinos se misturaram às pancadas do relógio da igreja. Ela enxugou as lágrimas no lenço e ficou alisando o friso, não era mesmo lindo aquele friso de ouro? Alisou os cabelos com gestos brandos, como se penteasse uma

pessoa doente. Olhou enternecida para a própria imagem refletida no espelho e pensou que se Nikos a visse com a cara assim esbraseada, não a deixaria nunca mais. Abriu a janela. A lua tinha reaparecido inteira em meio do rombo na nuvem. "Nikos! — ela chamou baixinho. — Nikos!"

Desceu a escada apertando o lenço contra o peito. Na rua, sua face iluminou-se de repente; e se ele estivesse esperando lá na igreja? E se resolvesse ficar e foi esperá-la na Missa, pois não tinha prometido, hein, Nikos? "Ele está me esperando, ele está me esperando!" sussurrou. Desceu correndo a ladeira.

Lygia Fagundes Telles, contista e romancista. Prêmios Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, Guimarães Rosa, Ficção APCA, Pen Club do Brasil. Membro da Academia Paulista de Letras.

Marcelo Grassmann, desenhista e gravador. Prêmios: Melhor Desenhista Nacional (V Bienal de São Paulo); Prêmio de Desenho do Bienal de Paris; Melhor Gravador Nacional da III Bienal de São Paulo.

A seu favor, tinha apenas aquela preocupação constante de que as pessoas em redor não sofressem. Ou que sofressem o menos possível. Há dez anos partira emburrado na noite, sem deixar marcas. Para voltar e ficar parado diante da casa que também o interrogava, e então?! "Quis poupá-la", pensou inclinando a cabeça para trás. Até o céu era igual ao céu daquela noite antiga com suas vagas estrelas por entre as nuvens. Apertou no fundo do bolso o lenço que trouxera para ela, seda branca com um delicado friso de ouro. Deu alguns passos em direção à porta. Um ligeiro tremor sacudiu-lhe o corpo. Sorrateiro, pisando leve, entrou no vestibulo. Estendeu a mão treinaada até tocar o corrimão que devia estar à direita, tão escuro! Pronto, não se enganara, ali estava a escada. "Virei te buscar para a Missa", ele disse. E agora, dez anos depois, numa noite igual — ô! Deus. E se ela estivesse com outro? Sentiu as pernas bambas: e se já tivesse se mudado? O novo inquilino interrogando pela fresta e ele gaguejante, "estou procurando uma moça que morava aqui, Margarida..." Respirou com sofreguidão. Quando chegou ao alto, tudo nele era tremor. Um friso de luz filtrando-se por baixo da porta, como na seda do lenço. Torceu o trinco.

Diante dele, de pé, os olhos largos e o vestido longo, cla. Ali estava ela, um pouco mais magra — ou mais velha? — tentando sorrir. Olharam-se. Ela deu um passo. Parou.



IDÉIAS POLÍTICAS DE EUCLIDES IMPEDEM A SUA

Euclides da Cunha pensava ao contrário de Eduardo Prado (o amigo de Eça) que, em 1890, ao escrever **A Ilusão Americana** condenava uma política de mãos dadas com os Estados Unidos. Em sua atitude, Euclides agia, principalmente, com fidelidade ao Barão do Rio Branco, a quem dedicava respeitosa e submissa admiração. A posição adotada pelo autor de **Os Sertões** impediu sua candidatura a deputado federal.

Francisco de Assis Barbosa

Em carta a Francisco Escobar, que em 1908 havia lembrado seu nome para deputado federal por Minas Gerais, Euclides da Cunha se mostra empolgado ante a perspectiva de contar com o apoio do Barão do Rio Branco junto a Afonso Pena e João Pinheiro, mas no fundo descrente de que a candidatura viesse a concretizar-se.

"Com efeito — escrevia ao amigo distante —, qualquer que seja a minha desvalia noutros assuntos, poderei esclarecer em muitos pontos os debates que, inevitavelmente, se travarão no seio do Congresso. Pelo menos, serei um franco-atirador contra os que arremeterem com a vigorosa política exterior do nosso único grande homem." E, depois deste rompante, caindo em si, observa em tom bem mais realista: "Há uma coisa, entretanto, que me desinflui um pouco: o caso da Bahia (*) demonstrou-nos, exemplarmente, as 'fatalidades do poder'... Mas destas a tua lúcida e sólida experiência dos homens já deve ter-te esclarecido, e acerca dos melhores rumos para flanqueá-las."

Uma ducha de água fria em cima de tanto fogo! Tudo não passava, e não passou, efetivamente, ao que parece, de pura ilusão.

Atitude distante e respeitosa para com o Barão do Rio Branco. Como um estudante em hora de exame

É muito possível que a timidez de Euclides o tenha impedido de pleitear junto a Rio Branco que fosse o padrinho da sua candidatura. Nos quatro anos que serviu no Ministério das Relações Exteriores, conservava a mesma atitude distante e respeitosa para com o Barão, "comovido e tímido como um estudante em hora de exame", postura do primeiro encontro, segundo o depoimento de Domicio da Gama, de certo modo mantida durante todo o convívio com o Chanceler, pois nunca deixaram de tratar-se com a maior cerimônia: "Vossa Excelência, senhor Barão" — "o senhor, doutor Euclides", conforme o testemunho de Francisco Venâncio Filho.

E nesse testemunho de um amigo dileto, como que se está a ver a figura imponente do Barão do Rio Branco, ultracivilizado, diante do desajeitado caipira que era Euclides da Cunha, "um cariri perfeito", no flagrante fixado por Silvio Romero. Ainda em 1907, o próprio Euclides assim se refere aos seus contatos com Rio Branco: "Continuo a aproximar-me dele sempre tolhido, e contrafeito pelo mesmo culto respeitoso."

Já tentei, certa vez, esclarecer este ponto obscuro da biografia euclidiana. Procurei em vão qualquer indicação positiva nos papéis de Rio Branco, que estão sob a guarda do Arquivo Histórico do Itamarati. E na coleção João Pinheiro, que se encontra no Arquivo Público Mineiro, perlustrei, em companhia do seu antigo diretor e saudoso amigo,

João Gomes Teixeira, toda a correspondência ativa e passiva do grande líder republicano, e nada achamos acerca da candidatura de Euclides da Cunha a deputado federal.

Olympio de Souza Andrade — que foi dos que melhor conheceram a vida e a obra de Euclides — também não conseguiu decifrar a charada.

Em **A Vida Literária no Brasil — 1900**, Brito Broca endossa a "versão corrente" na época em que os donos da política acabaram vetando o nome do grande escritor "pelo fato de o escritor não ser mineiro". Mas ousa admitir que a candidatura nem sequer chegou a ser postulada, em termos partidários. Naquele tempo, mesmo durante a fase renovatória do Jardim de Infância, é certo, a seleção de nomes para a composição das chapas de deputados não obedecia a um critério exclusivo de valores, mesmo de valor intelectual. O exclusivismo mineiro só abriria exceções a um Calógeras ou a um Davi Campista, ambos nascidos no Rio de Janeiro, mas que haviam adquirido a cidadania estadual depois de um longo e dedicado noviciado.

Além disso, os dirigentes da política mineira, mesmo os mais esclarecidos, como Afonso Pena e João Pinheiro, não aceitariam nas fileiras do PRM um candidato a deputado que se jactava de vir a ser um franco-atirador, disposto a destruir "a esterilidade de um Congresso de resignados, tolhido por toda a espécie de compromissos". Quanto ao propósito de Euclides de de-

fender a política externa de Rio Branco — "nosso único grande homem vivo" —, a bancada mineira se desfalecia, de fato, desde 1905, daquele que fora o campeão parlamentar do Tratado de Petrópolis, enfrentando na Câmara a oposição cerrada dos oito deputados comandados pelo intrépido Barbosa Lima.

Esse campeão foi Gastão da Cunha, que abandonara a política para ingressar na diplomacia, talvez com um certo alívio dos chefes locais, isto é, os coronéis da Tarasca, que mandavam e desmandavam nos seus feudos eleitorais. Vale, a respeito do próprio Gastão da Cunha, a observação de Rodrigo M.F. de Andrade: "Os homens que dominavam e dominariam em Minas, embora apreciando e utilizando eventualmente os correligionários mais dotados e cultos, preferiam-lhes sempre companheiros menos brilhantes, mas que se prestavam às manobras partidárias, pequenas ou de longo alcance."

Mesmo que fosse apoiada pelo Barão do Rio Branco, a candidatura de Euclides da Cunha, quero crer, não sensibilizaria os políticos, de Minas Gerais ou de qualquer outro Estado. Nem o Itamarati, ou seja, a necessidade de defender a política externa, seria pomo de discórdia para Afonso Pena ou João Pinheiro. O ardoroso pan-americanismo de Joaquim Nabuco, contido pela prudência e habilidade de Rio Branco, só encontrava opositores ferrenhos entre os monarquistas. Barbosa Lima era avis-rara no grupo dos republicanos históricos, todos absolutamente favoráveis a uma maior aproximação com os Estados Unidos.

Rui e Benjamin Constant advogam aproximação com os Estados Unidos. Adesão à política de Monroe

A tendência vinha de longe. Benjamin Constant advogara, em fevereiro de 1890, nas reuniões do Governo Provisório, "transações com os Estados Unidos", uma vez "que o nos-

so crédito na Europa está abalado, ameaçando-nos um desastre financeiro". Rui Barbosa levantara objeções, mas acabou por concordar: "Isso convém para desligarmos de compromissos com os banqueiros europeus"... "Sigamos a política de Monroe", rematou, fazendo coro com Benjamin.

Já em julho, as dificuldades pareciam removidas. Os americanos baixavam a taxa de juros. Registra a ata da reunião: "O Sr. General Benjamin Constant pensa, como sempre, que se deve fazer política exclusivamente americana, tanto mais quanto, segundo informações do nobre Ministro da Fazenda (Rui Barbosa), é bem possível que tenhamos nos Estados Unidos o dinheiro muito mais barato do que até hoje temos tido"... E Benjamin acrescenta: "A propósito da estimativa manifesta dos Estados Unidos pelo Brasil, diz que o Almirante Walker declarou-lhe que ia fazer evoluções que denotam essa estima, e pede que vá também uma esquadilha nossa especialmente agradecer a gentileza do governo americano."

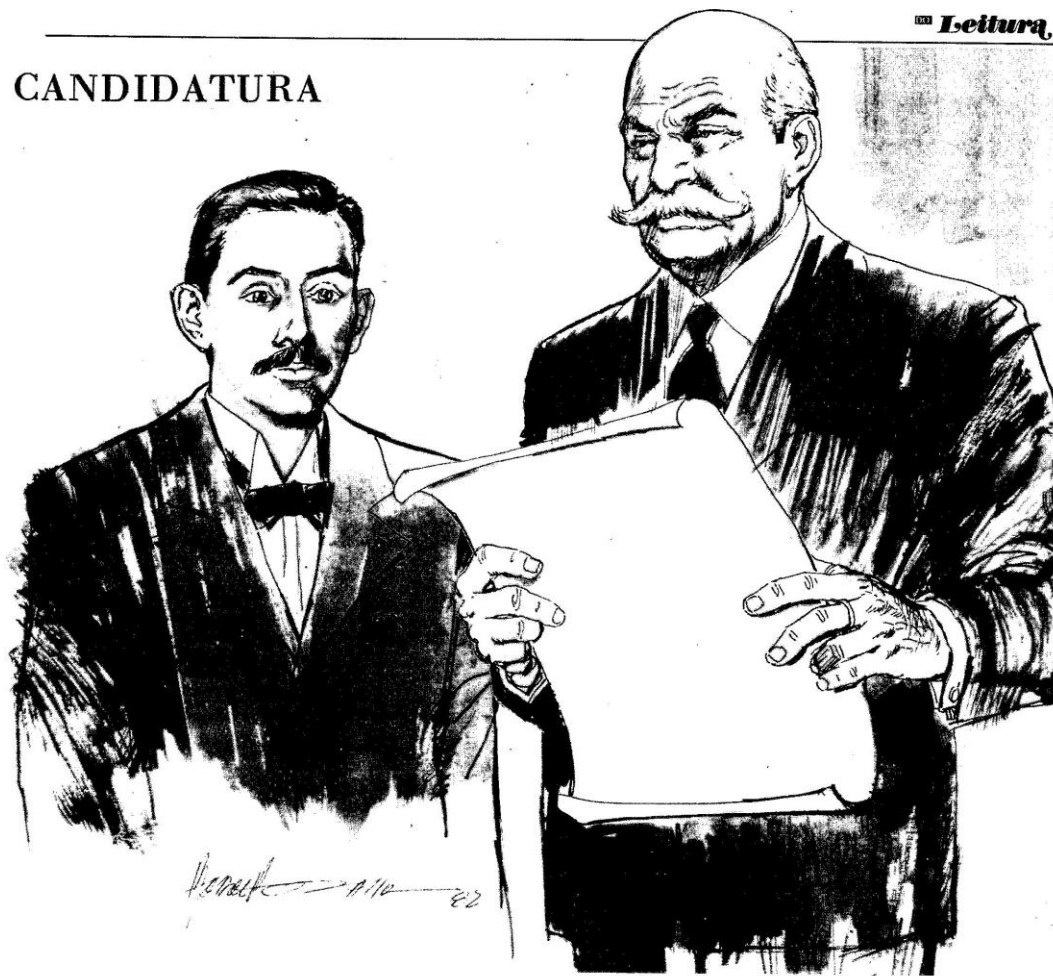
Pelo mesmo diapasão, pensava o jovem Euclides da Cunha, assim escrevendo, por essa mesma época, num dos seus artigos de **O Estado de S. Paulo**: "Realmente, se esta política americana, toda civilização e paz, ideada por Monroe, não é uma utopia irre realizável e de fato, embora sem a base orgânica de um código fundamental comum, a vasta confederação das repúblicas americanas, graças à uniformidade dos sistemas políticos, é um fato de ordem moral, sobranceiro às fronteiras, podemos compartilhar das glórias que advirão à América pelo condensar na sua metrópole comercial as maiores criações do esforço humano."

E mais: "Fomos os últimos a incorporarmos-nos à pátria americana. É isto, porém, um motivo para que sejamos os primeiros a compreendê-la e elevá-la." Se assim pensava, na mocidade, ao lado de Benjamin Constant, seu antigo mestre e doutrinador na Escola Militar, Euclides da Cunha afinará, na idade madura, com o pensamento do Barão do Rio Branco, o brasi-

"A ILUSÃO AMERICANA"

A propósito do trabalho de Francisco de Assis Barbosa, vem à lembrança o livro **A Ilusão Americana**, cuja segunda edição saiu em 1894. Escrito por Eduardo Prado, constitui vigoroso libelo contra os Estados Unidos. A sua primeira edição foi confiscada e suprimida por ordem do governo brasileiro. "Não queremos dizer — afirma o autor — que os assobios das máquinas americanas enlouqueçam os brasileiros; o que é certo, porém, é que não encontramos na vida da nacionalidade brasileira nenhum traço luminoso de um discípulo americano." Em outra passagem ressalta, que "os americanos têm pouco respeito pela vida humana" e que o "espírito americano é o da violência". No prefácio que escreveu sobre a obra, Augusto Frederico Schmidt diz que "os traços que Eduardo Prado nos deu do retrato norte-americano estão bem próximos da verdade". Já "quanto às terríveis previsões do perigo norte-americano elas não se realizaram. O tempo se encarregou de não dar razão a Eduardo Prado."

CANDIDATURA



leiro a quem mais admirava, na mesma linha tática seguida pela maioria dos políticos brasileiros do tempo, convictos de que a guinada pan-americana significaria a nossa libertação da dependência econômica européia.

Indeciso, Euclides considera uma utopia a solidariedade sul-americana. Um ideal irrealizável

Pensava e agia sinceramente. Como sempre, em tudo que pensou e agiu. O entusiasmo de Euclides da Cunha pelos Estados Unidos transparece no artigo que dedicou ao livro do primeiro Roosevelt, *O Ideal Americano*, lido na edição francesa, e que tanto havia impressionado a um autêntico líder republicano da tempera de João Pinheiro.

Ao mesmo tempo, Euclides considerava uma utopia a solidariedade sul-americana, segundo suas próprias palavras, "um belíssimo ideal absolutamente irrealizável". Que continuássemos, pois, "no nosso antigo e esplêndido isolamento". Pelo visto, a fórmula dos acordos bilaterais parecia-lhe a solução mais aceitável, quicá a mais realista, porque do interesse do Brasil, como a maior nação da América do Sul, em condições favoráveis de estabelecer, governo a governo, um franco entendimento com os Estados Unidos da América.

Nesse ponto, as previsões de Euclides não se coadunam com a evolução da política internacional na América Latina, em seu aspecto mais progressista.

Descrente da capacidade de recuperação da América Latina como um todo, Euclides da Cunha teria, ao revés, uma perfeita e exata compreensão do nosso problema econômico e social, denunciando corajosamente

a deturpação federalista que impedia a nossa integração, "um federalismo incompreendido, que é o rompimento da solidariedade nacional". O principal objetivo da sua ação de escritor militante, antes e depois de *Os Sertões*, seria sempre este de alertar o país contra a concentração de recursos e verbas na área paulista-fluminense-mineira, em detrimento dos pequenos Estados. Vivíamos — escreveu Euclides — tateando "entre as miragens de um progresso falaz e duvidoso, até agora medido pelos stocks das sacas de café, pelas levas de imigrantes e por umas combinações políticas que ninguém entende". Não cessaria de clamar contra a "indiferença muçulmana" dos nossos políticos, diante dos grandes problemas nacionais: as secas do Nordeste e o abandono da Amazônia.

"Alheamo-nos desta terra" — continuava numa advertência que repercutiu até os nossos dias. "Criamos a extravagância de um

exílio subjetivo, que dela nos afasta, enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seu seio desconhecido." E, mais forte, mais terrível ainda: "O verdadeiro Brasil nos aterra; trocamos-lo de bom grado pela civilização mirrada que nos acotovela na rua do Ouvidor; sabemos dos sertões pouco mais além da sua etimologia rebarbativa, desertus".

Profeta de um mundo irrealizado, o quadro que pintou dos sertões brasileiros deixará a nação estarecida. A situação de penúria das nossas populações rurais não tivera, até então, o seu anjo-vingador, que brandisse a sua lança com bastante violência para despertar a consciência nacional, indiferente ainda ao grande problema social e humano.

É claro que Euclides da Cunha não seria deputado. Nem por Minas Gerais, nem por qualquer outro Estado. Suas idéias estavam em descompasso com a mentalidade política que imperava no Brasil, nos

tempos da República Velha, nem ele se acomodaria às injunções e mesquinhas combinações que o próprio escritor chamava um tanto pessimista de "fatalidades do poder".

(*) Refere-se à cisão do Partido Republicano da Bahia, em consequência das divergências entre o Senador Severino Vieira e o Governador José Marcelino; o primeiro havia vetado o candidato oficial à sucessão do segundo.

Francisco de Assis Barbosa, escritor, jornalista, ensaísta. Diretor do Centro de Estudos Históricos da Fundação da Casa de Rui Barbosa. Membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

Rodolfo Zalla, ilustrador de livros didáticos. Especialista em "comics", trabalhando no Brasil e no Exterior.

MONTE ALVERNE: A BELEZA SOBE AO PÚLPITO



Entre os depoimentos sobre o que aconteceu na festa de São Pedro de Alcântara, na manhã de 19 de outubro de 1854, no Rio de Janeiro, o de José de Alencar, em *Páginas Avulsas*, é talvez o mais claro. O dia amanheceu chuvoso, mas pela hora da missa abriu-se uma fresta nas nuvens e um raio de sol atravessou os vitrais da Capela Real e derramou suas cores sobre D. Pedro II e sua Corte, sobre o jovem Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Quintino Bocaiuva, Joaquim Manoel de Macedo, Francisco Otaviano e o próprio Alencar. “O silêncio parece que desce do alto das abóbadas, ao longo das paredes, e sepulta de repente o vasto templo. Chegou o momento. Todos os olhos estão fitos, todos os espíritos atentos. No vão escuro da estreita arcada do púlpito, assomou um vulto. É um velho cego, quebrado pelos anos, vergado pela idade” (...)

Após vinte anos de silêncio, o monge velho, alquebrado, volta para pregar perante d. Pedro II

“O velho ergueu a cabeça, alçou o porte, sua fisionomia animou-se. O braço escarnado abriu um gesto incisivo e os lábios, quebrando o silêncio de vinte anos, lançaram aquela palavra sonora, que encheu o recinto, e que foi acordar os ecos adormecidos de outros tempos. Frei Francisco de Monte Alverne pregava!”

Agora é Ramiz Galvão, em seu clássico *O Púlpito no Brasil*, quem conclui: “Quando Monte Alverne terminou o exórdio famoso, que é uma das páginas mais brilhantes na nossa oratória sacra, a multidão, contra

todos os estilos, levantou-se e prorrompeu em estrondosa salva de palmas. O Imperador tinha lágrimas no rosto. Espetáculo sem exemplo e de que não há notícia na história da Igreja, creio eu.”

A oratória sacra brasileira não existiu antes do século XVII. Não foram grandes oradores do púlpito Manoel da Nóbrega, José de Anchieta, Francisco Pinto e Luiz Figueira. Esses dedicados jesuítas foram principalmente missionários e poetas, ou escritores. O padre Antônio Vieira, português de nascimento, viveu duas décadas no Brasil e aqui encontrou a inspiração de alguns dos seus sermões. O padre Antônio de São tornou-se celebre no Rio, na metade do século XVII, pelos admiráveis panegíricos que improvisou, e que foram depois reconstituídos por Miguel Rodrigues e publicados em 1750.

Frei Eusébio de Mattos, na Bahia, primeiro jesuíta, depois carmelita, fazia rir e chorar as multidões, falando do alto do seu púlpito. Como ele, D. José da Natividade, carioca, frei Manoel do Desterro, baiano, e o padre Ângelo dos Reis, discípulo e amanuense do padre Vieira. O século XVIII, no entanto, nas décadas douradas de trinta a cinquenta, conheceu um grupo de oradores sacros brasileiros inigualáveis, dos quais se destacaram frei Francisco de São Carlos, Antônio Pereira de Sousa Caldas e Francisco de Monte Alverne. O Rio de Janeiro de então era uma cidade de vielas estreitas, muito sujas e escuras à noite — “uma Lisboa pobre”, no dizer de Oliveira Martins. Com cinquenta mil habitantes, ou menos, não possuía muitos encantos para o espírito, nem existia então muita gente que os procurasse. Com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, D. João VI julgou necessário estimular algumas artes, ou pelo menos aquelas poucas que o deleitavam. A oratória sacra era uma delas, além dos *te-déus* e do cantochão. Com os pregadores que trouxe de Portugal, procurou estimular aqui a oratória sagrada.

Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio ficou conhecido como “o Bossuet brasileiro”. Ligado à Maçonaria, fundou a loja

Nove de Janeiro. D. João VI nomeou-o pregador de sua Capela Real, em 1808, e a partir daí sua oratória adquiriu sempre um pouco mais de participação política. No ano da Independência estava redigindo o jornal *Regulador* e nos anos seguintes o *Diário Fluminense*. Suas obras mais famosas foram o *Sermão de São Francisco de Paula*, pronunciado em 1808, e o *Sermão em Ação de Graça pela Prosperidade do Brasil*. Silvío Romero e Agripino Grieco falam com entusiasmo do seu estilo ardente.

Oficialmente considerado como o mais notável poeta sacro da língua portuguesa no Brasil, Antônio Pereira de Sousa Caldas tomou o hábito em Roma e passou algum tempo em Lisboa, onde recusou uma abadia que lhe foi oferecida, regressando ao Rio para se dedicar inteiramente à sua paixão, o púlpito. O reverendo Antônio Caldas é o patrono da cadeira n.º 34 da Academia Brasileira de Letras.

Frei Francisco de São Carlos tomou o hábito franciscano aos 13 anos de idade, no Rio de Janeiro. Como guardião dos conventos na província do Espírito Santo, tomava notas, durante quase todo o tempo destinado ao trabalho, para auxiliar na composição de seus poemas e sermões. A *Assunção da Virgem Maria*, em sete mil decassílabos, celebra a glorificação de Nossa Senhora em meio a símbolos e galas da natureza brasileira. Na sua oratória, nunca associou os encantos da vida tropical com os perigos do pecado, relacionando-os antes com a pureza e a virtude. Seu mais famoso trabalho foi publicado pela Imprensa Régia, em 1819.

O orador sacro mais famoso em seu tempo foi, talvez, frei Antônio de Santa Maria, franciscano formado em Coimbra e mais tarde professor de teologia no convento da ordem na Bahia. Segundo São Carlos, foi “o astro mais brilhante do orbe seráfico brasileiro”, sendo seu *Sermão do Beato São Gonçalo Garcia* muito popular na época. Frei Antônio de Santa Gertrudes, frei José de Santa Eufrásia Peres, frei Xavier de Santa Rita Bastos, frei Luiz Inácio de Santa Justi-

na e D. Luiz Antônio Furtado de Mendonça, deão da Sé de Braga, ocuparam lugar de destaque entre aqueles que, no século XVIII, fizeram da oratória sagrada uma arte refinada no Brasil.

Nenhum deles, porém, foi tão venerado pelo povo do Rio de Janeiro, de São Paulo e das cidades maiores do interior desses dois Estados, quanto frei Francisco de Monte Alverne. Diz Chateaubriand, no *Gênio do Cristianismo*, que nada sabemos de um orador sacro quando apenas lemos seus sermões. Esse é um gênero que se ouve e se vê, exclusivamente. D. João VI ouviu Vieira e nunca mais o esqueceu, passando para D. Pedro I o mesmo interesse. Quando Francisco José de Carvalho, mais tarde Monte Alverne, tomou o hábito franciscano no Rio, em 28 de junho de 1801, São Carlos e Sampaio maravilhavam os auditórios cultos da cidade, mas o círculo dos que se deixavam fascinar pela oratória religiosa era muito limitado. Quando o lente de filosofia Monte Alverne foi designado pregador Régio, em São Paulo, a Corte portuguesa chegada ao Brasil começava a contamar a terra do gosto pelo discurso sacro.

Como Secretário da Província do Espírito Santo, em 1824, frei Alverne havia completado uma brilhante caminhada eclesiástica. Tendo feito sempre tudo com infinita dedicação, sua saúde fora minada no trabalho de ensinar. Em 1836, vítima de uma amaurose, ficou definitivamente cego, recolhendo-se ao claustro. Isolado no anonimato franciscano, seu nome nunca foi completamente esquecido, havendo sempre quem lembrasse seu primeiro grande sermão, pregado na Quaresma de 1811, *Sobre o Amor dos Inimigos*. Havia mesmo quem decorasse suas palavras: “Depositai na minha boca palavras de fogo para mostrar a todos a obrigação de amar seus inimigos. Dai força e unção ao meu discurso, a fim de que todos sigam o exemplo que destes na cruz, pedindo a vosso eterno Pai que perdoasse aos que vos crucificavam.”

Em 1819, com o *Sermão sobre a Morte*, Monte Alverne emociona a cidade. Desde 1817, no convento de Santo Antônio, costumava

pregar na Quaresma. “Rio de Janeiro, minha cara pátria, se não possuis ao menos dez justos (...) Que poderá deter o braço vingador do Eterno, irritado com tantas iniquidades?” O franciscano não hesita em advertir a nobreza da sua própria futilidade, num sermão pregado diante do rei. Algum tempo depois, falando diante do menino de oito anos que seria mais tarde D. Pedro II, estira os braços em sua direção, comovido: “Salve, Príncipe adorado. Saindo apenas do berço, vós sois o pai de povo numeroso, que aguarda com impaciência a vossa maioridade.”

Monte Alverne recusa o convite para pregar. Mas o Imperador insiste

Vinte anos depois, lendo a edição das obras oratórias de Monte Alverne, D. Pedro ainda se lembra daquelas palavras vibrantes. Sabe que o pregador agora está cego, limitado à cela escura do convento, no alto de Santo Antônio. O Imperador envia ao claustro o romancista Joaquim Manoel de Macedo, com um convite dirigido ao sacerdote. D. Pedro deseja que ele faça o panegírico de São Pedro de Alcântara no dia 19 de outubro de 1854. Alverne manda ao monarca uma carta declinando do convite, devido ao seu estado de saúde. A carta é desviada pelo Visconde Nogueira da Gama, que mais tarde entrega uma cópia dela à Biblioteca Nacional. Não tendo obtido a dispensa do Imperador, Monte Alverne começa a pensar no sermão, uma semana antes da data em que deve pronunciá-lo. Pede ao provincial de Santo Antônio que tome algumas notas para ele.

Martim Francisco descreve Monte Alverne, na sala atrás do altar, esperando a vez de subir ao púlpito, encostado ao ombro de um negro magro, que o trouxe- ra do convento.

— Muita gente?
— Muita, sr. padre-mestre. Não há lugar vazio em toda a igreja.

Entre os oradores sacros
do passado, Luiz Carlos Lisboa
ênfatiza a figura de Monte Alverne. O seu retorno
ao púlpito, após vinte anos, se faz num cenário
imponente, com toques emotivos que engrandecem
o ambiente. Presente o imperador
Pedro II. Ano de 1854.

Luiz Carlos Lisboa

— Muitos galões?
— Vejo toda a Corte, sr.
padre-mestre...
— Tenho medo, tenho
medo — murmura o franciscano, os olhos perdidos
em sua treva.

Após a missa, todos que-
rem vê-lo de perto. Monte
Alverne anda no meio da
multidão, depois de des-
pedir-se do Imperador, que
o acompanhou até a sa-
cristia. Responde às pessoas
e é guiado por elas, até a
carruagem que o levará de
volta ao convento e ao si-
lêncio do claustro.

“Deus chegou aos meus
lábios a taça da tribula-
ção”, diz o pregador no seu
último sermão em público,
na festa de Nossa Senhora
da Glória, a 15 de agosto de
1855. Um certo tumulto en-
tre o povo incomodou o
orador, nessa manhã. Pare-
cia a Monte Alverne que as
pessoas estavam ali em bus-
ca de um espetáculo. Por
natureza e devido à doença,
esquivou-se a todos os con-
vites posteriores. Em outo-
bro daquele ano, o *Correio
Mercantil* transcreve tre-
chos de seus principais ser-
mões. Quando a morte so-
brevém, o Imperador deter-
mina exéquias solenes e en-
via ao convento uma comi-
ssão para representá-lo. Du-
rante muito tempo, o povo
fez peregrinações à capela
onde os restos de Monte Al-
verne repousam até hoje.
Entre alguns ex-votos e pa-
lavras de adeus, alguém
lembrou que ele “serviu a
Deus com o mais nobre dos
meios, a palavra”, e um ou-
tro deixou uma frase de
Chateaubriand, do seu livro
mais célebre: “A eloquên-
cia sagrada é a eloquência
de todos os tempos, de to-
dos os governos e de todas
as nações.”

Luiz Carlos Lisboa, jornalista, ad-
vogado, conferencista e escritor.
Publicou seleção de artigos e re-
portagens, três coletâneas de ar-
tigos, contos e um guia prático de
literatura. Uma de suas obras:
Olhos de Ver, Ouvidos de Ouvir.

Gustavo Doré, pintor e desenhista
francês (1833-1883). Celebrizou-
se por ilustrações da Bíblia e de
obras literárias de Dante (*O Infer-
no*), Cervantes (*D. Quixote*), Ra-
belais e de outros.



BATE NO ZABUMBA E DEIXA A HISTÓRIA ANDAR PORQUE O FORRÓ É NOSSO

Bailes de nordestinos migrados para o Sul, os forrós constituem uma das mais originais e curiosas experiências socioculturais surgidas no Brasil nos últimos 30 anos. Chegou, como impacto, mobilizando quase duzentas mil pessoas cada noite em São Paulo. O pesquisador de música popular brasileira, José Ramos Tinhorão, mostra aqui como tudo começou.

José Ramos Tinhorão

Surgidos no Rio e em São Paulo com poucos anos de diferença, entre fins da década de 1950 e início dos anos 60, os salões de baile denominados de forrós — denunciando a presença maciça de trabalhadores nordestinos migrados para o Sul — transformaram-se em um dos mais curiosos fenômenos socioculturais ocorridos na área popular, no Brasil, desde o aparecimento das gafeiras dos negros e mestiços cariocas no início do século XX.

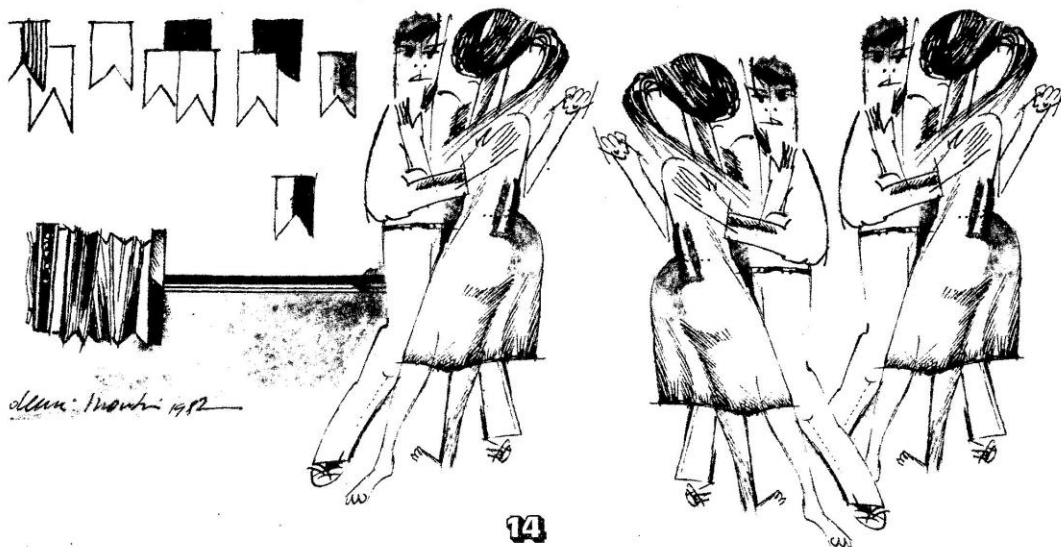
Basicamente constituindo um baile público com predominância de frequência nordestina (à qual se soma logo a gente pobre das cidades em que a novidade aparece), o forró veio resolver o problema de local de diversão e contato social para milhares de trabalhadores não qualificados atraídos ao Sul pelas oportunidades de emprego: os homens quase sempre na indústria da construção civil, as mulheres geralmente no serviço doméstico em casas de família.

Solução de lazer para milhares de trabalhadores não qualificados. Uma versão de Luís Gonzaga que explica o nome

Segundo versão divulgada pelo cantor, compositor e sanfoneiro pernambucano, Luís Gonzaga, a vocação democrática do forró já poderia ser encontrada na origem do próprio nome: o termo forró teria surgido no Nordeste durante a II Guerra Mundial, quando tropas americanas estacionadas em bases cedidas pelo governo brasileiro organizavam bailes em suas cantinas. Quando os bailes eram abertos a todos, permitindo-se a frequência de civis brasileiros e de militares dos dois países, um cartaz era afixado à porta anunciando a festa e avisando: "for all". E teria sido a leitura dessa expres-

são inglesa — "para todos" — que o sotaque nordestino teria transformado em "forró" e, logo, mais comodamente, em forró.

Vinte anos depois de cunhado no novo termo no Nordeste (há outra versão que dá a mesma origem à palavra, mas faz remontar o caso à virada dos séculos XIX-XX, quando os ingleses construíam estradas de ferro em Pernambuco), o forró aparece no Rio de Janeiro como local de diversão dos chamados "paus-de-arara" trabalhadores em obras de construções. O forró constituía, então, um local a que os nordestinos — quase sempre residentes nos próprios esqueletos dos prédios em construção — compareciam nas noites de segundas, quartas, quintas, sábados e domingos para ouvir e dançar baiões, xotes e xaxados de nove da noite às duas da madrugada: primeiro no Forró do Xavier, em Botafogo, próximo ao túnel do Leme, e, depois (a partir de 1969), no Jaboatão, instalado por um



maranhense em antigo boliche e restaurante da Av. Princesa Isabel, onde já apareciam guitarras elétricas, misturando ao lado dos ritmos nordestinos muito bolero e iê-iê-iê.

Forró chega ao Rio e em São Paulo e mobiliza quase 200 mil nordestinos cada noite. Em 120 locais

Como o sucesso dos forrôs cariocas tipo do Xavier e Jabotão (logo somado, aliás, ao conseguido pela instalação do salão do sanfoneiro Pedro Sertanejo em São Paulo, em 1962) coincidia durante a década de 1960 com a decadência dos cinemas de bairro no Rio e em São Paulo (já atestando a influência crescente da televisão), os salões populares de origem nordestina se multiplicaram a tal ponto

que, em meados da década de 1970, chegaram a ser contados 120 forrôs apenas na capital paulista. Ora, como a média de frequência era de 1.500 pessoas por noite, podia-se dizer que os forrôs paulistanos abrigavam — ao som de sanfonas, triângulos, zabumbas e guitarras — cerca de 10% dos nordestinos migrados como trabalhadores para aquela cidade, os quais andavam pela casa dos dois milhões.

Assim que esse fenômeno começou a repercutir na imprensa, atraindo a atenção como tema de reportagens em jornais e revistas, os forrôs deixaram de ser apenas locais de encontro dos nordestinos e — tal como já tinha acontecido quando as gafieiras cariocas e os ensaios de escolas de samba viraram moda — acabaram transformando-se em atração também para a gente da classe média. Paralelamente, os animadores de rádio como Adelson Alves, no Rio de Janeiro, e Zé Bêto, em São Paulo, começaram a divulgar o forró em pro-

gramas noturnos. E, assim, em pouco tempo, as gravadoras entraram também na jogada e apareceu no cenário discográfico — como por encanto — a designação genérica de “música de forró” para os gêneros musicais populares nordestinos. E isso foi o bastante para que compositores da área da chamada “música sertaneja” (na realidade profissionais do meio do disco dispostos a aproveitar qualquer tendência na área da música comercial para ganhar dinheiro) aparecessem com a “novidade” de um novo gênero dentro da música popular: o forró.

Para os músicos e artistas

Uma oportunidade para músicos e artistas que o “rock” havia feito esquecer

nordestinos, que andaram muito por baixo em termos de oportunidades de trabalho desde o aparecimento do rock no Brasil, pelo início da década de 1960, a popularidade dos forrôs não deixa de ser interessante. Em 1976, por exemplo, o velho Jackson do Pandeiro (cujo talento seria reconhecido pela imprensa ao registrar sua morte, no Rio, dia 10 de julho último) pôde ressurgir para a popularidade de no espetáculo denominado Seis e Meia, no Teatro João Caetano, do Rio, ao lado de Alceu Valença. E nos próprios bailes de forró, além de Jackson, tiveram oportunidade de reaparecer não apenas outros antigos cantores e compositores ligados à fase do baião, mas puderam formar-se novos conjuntos especializados em ritmos nordestinos, por sinal logo aproveitados pela indústria do disco para o lançamento de gravações de música sob o nome apelativo de “forró”.

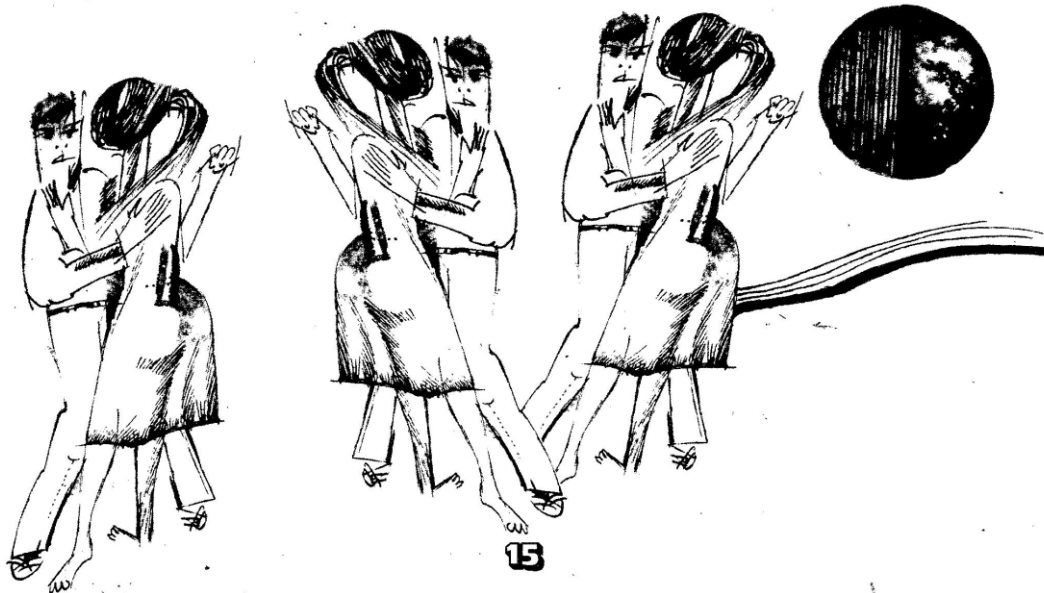
Assim, é tudo isto que faz do forró — aliás explodin-

do agora também em Juiz de Fora, o que amplia a área do fenômeno para uma área de Minas tradicionalmente tão ligada à vida carioca — uma das mais originais e curiosas experiências socioculturais, envolvendo a organização de fazer no campo das camadas populares, dentro do vasto quadro de relações de trabalho no Brasil, sempre sujeito a inesperados movimentos migratórios.

Do ponto de vista de criação original no âmbito do povo brasileiro, essa glória — pelo menos — ninguém nos tira: o forró é nosso!

José Ramos Tinhorão, crítico e pesquisador de música popular brasileira. Autor, entre outros livros, de *Música Popular — Um Tema em Debate*; *O samba agora vai...*; *A lenda da música popular no Exterior*; *Música popular — Teatro & Cinema*; *Música popular — de índios, negros e mestiços*; *Música popular — os sons que vêm da rua*; *Pequena história da música popular*.

Aldemir Martins, ilustrador. Prêmio de desenho da XXVIII Bienal de Veneza.



Neide Archanjo

O POETA EM EXERCÍCIO ERÓTICO



ã
ão quero que adivinhes
a mim ou ao poema.
Há por dentro um cadinho
de imagens aturdidas
mais algum encantamento
em permanente efervescência
que te flagelaria.
O que posso te dar
senão a geografia
espalhada pelos hectares
do meu corpo?
Quero que possuas
apenas a lembrança desses rumos
e neles te contentes.

Deixa o mais
para a poesia
este anjo inédito
que me atravessa.



Neide Archanjo, poetisa, com
cinco livros publicados, Prêmios
Pen Club, APCA de Poesia e o
Golfinho de Ouro. Diplomada em
Direito e Psicologia.

DO.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S/A — IMESP
Diretor-Superintendente: Caio Plínio Aguiar Alves de Lima
D.O. LEITURA — Editor: Ruy Marcucci
Redação: Rua da Mooca, 1921 — Telefone: 291-3344 — ramal 344.
Composto e impresso nas oficinas da IMESP.

